

instituto de arte contemporânea

verificamos se é a apre-
sentação de um café to-
go e já deve ter sido copla-
do

Princípios estes trabalhos
são de pertença e se devem
ser aprovados

já copiado — arquivar

O BRASIL PERMANENTE

Hélio Pellegrino

Ivan Serpa é, hoje, um dos grandes nomes da pintura brasileira. E, mais do que isto: é um exemplo admirável de probidade criadora, de seriedade artesanal, de fidelidade ao próprio ofício, ao qual dedicou e dedica todo o seu tempo e toda a sua vida. Num País em que a improvisação e a ligeireza frequentemente rarefazem o talento e diluem a profundidade significativa da obra da criação artística, Ivan Serpa surge como o construtor de um testemunho cuja importância um lugar perene na história das artes plásticas nacionais.

O artista é, sempre, um intérprete dos movimentos espirituais que agitam o seu tempo. Ele promove o conhecimento emocionado, dinâmico e existencial da realidade, e a força de sua obra depõe, de maneira infalível, sobre a vitalidade de uma cultura e sobre o instinto de sobrevivência de um povo. Não há grande artista que possa existir sem que sua voz, sendo por um lado pessoal e biográfica, deixe de exprimir, concomitantemente, a grande voz geral da comunidade a que pertence. O artista, salvando-se pela obra que constrói, ajuda ao mesmo tempo a salvar o todo social no qual se insere.

A pintura de Ivan Serpa, através de suas várias fases, representa um esforço acuradíssimo de meditação criadora sobre os problemas do mundo e, em particular, sobre os problemas brasileiros. Sua arte não representa, evidentemente, uma transcrição simplista da realidade. Ela visa ao essencial, aquilo que, em alto nível de abstração criativa, exprime o avanço do homem brasileiro e universal no sentido de sua liberdade e do progressivo florescimento de seus valores humanos.

Ivan Serpa, há duas décadas atrás, fazia pintura abstrata, com um rigor e uma seriedade técnica admiráveis. Diante do mundo de após-guerra, mergulhado no caos e na perplexidade, seu esforço cartesiano e geometrizante correspondia a uma necessidade ontológica de salvar a razão humana, afirmando o seu primado contra a alienação e o desespero. O ser humano só se realiza

como tal na medida que se torna capaz de elucidar a estrutura da realidade, com o objetivo de transformá-la. Naquele tempo, era vital para o homem acreditar nos poderes de sua razão, já que o mundo sairá de uma terrível experiência destrutiva cujo significado irracional parecia derrubá-los. Afirmando o primado da razão, o homem, ao salvá-la, salvava sua possibilidade de modelar e construir o real à imagem e semelhança de sua humanidade.

Ivan Serpa, com paixão lúcida levou às últimas consequências seu caminho abstrato, dele extraíndo a confiança na ratio humana que lhe permitiu, depois, abrir-se generosamente à dura e dramática realidade brasileira. Sua fase posterior - a fase negra se caracteriza por um explosivo poder de denúncia e de contestação social. O homem brasileiro, esmagado pela miséria, pela exploração e pelo subdesenvolvimento surgiu no trabalho do pintor em toda a sua grandeza trágica. Dono de sua razão crítica, da qual se apropriara na fase anterior de seu trabalho, Ivan Serpa pôde adotar, com rigorosa precisão técnica, a linguagem do expressionismo para revelar toda a extensão do sofrimento brasileiro.

Corpos martilizados pela fome e pela doença, rostos incendiados de angústia e de cólera, punhos fechados na dor e no protesto - eis o clima sociológico e psicológico da fase negra, verdadeiro requiem de cor soturna a exprimir o luto e a tragédia das grandes massas brasileiras.

Na luta, aberto à realidade, sem querer enganar-se e enganar, Ivan Serpa chegou, finalmente, às fontes profundas de sua esperança.

Esta esperança, ele não a construiu de olhos fechados, ou de costas voltadas para tudo aquilo que é contradição, dificuldade, aspereza e atraso em nossa consciência nacional. Ivan Serpa sabe que o Brasil é um País difícil, assoberbado de problemas, em busca do seu protagonismo histórico.

Sabe que há forças de alienação que nos querem desfigurar, empobrecer, negar, espoliar. De tudo isto sabe Ivan Serpa. Mas sabe, também, que o País existe, e permanece. Em sua última fase, tão bela, tão jovem, tão equilibrada e tão generosa, Ivan Serpa descobriu a permanência do Brasil, a essência nacional que

sobreviveu, sobrevive e sobreviverá a tóda as dificuldades. Eis o que, a meu ver, significa a pintura amazônica de Ivan Serpa. Nela há um frescor inaugural, um lirismo irredutível, uma graça que nada consegue destruir.

Ivan Serpa fala de nós, de nossa carater nacional, de nossa teimosa e irredutível vocação de sobrevivência e de crescimento espiritual.

É o Brasil permanente que encontramos nesta exposição de Ivan Serpa. O tropicalismo dos verdes numerosos, a ingenuidade dos vários tons de rosa, a austeridade do roxo, a delicadeza das gradações crômáticas que sucedem numa perfeita sabedoria artesanal - tudo isto é laçado no espaço pictórico com um extraordinário poder de organização e disciplina. Ivan Serpa nos revela - não o caos brasileiro - mas a ordem que está nascendo dêste caos, a consciência que brotam da terra virgem, sem traí-la, mas sem deixar de configurar-se como um grito domado.

Ivan Serpa toma da realidade brasileira a sua luxúria verde, a curva doce e rica do barroco que nos constitui, o lirismo que impregna as manifestações criativas de nossa arte popular e, de tudo isto, constrói as mândalas de sua fase nova, símbolos de maturidade pessoal e de afirmação nacional.

O Brasil avança, dolorosamente na busca de sua consciência histórica.

A pintura de Ivan Serpa a testemunha e, ao mesmo tempo, prenuncia vitória.